

## Mitologia e contação de histórias – *Scripta manent, uerba uolant*

João Victor Leite Melo<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo propõe uma abordagem para os estudos iniciais da mitologia romana sob a perspectiva da oralidade, enfatizando a necessidade de se implementar atividades voltadas para a prática e aprimoramento da fala em público, tanto nas escolas quanto nas academias. Para isso foram escolhidos oito mitos da obra *Metamorfoses*, de Ovídio, que, por serem breves e de fácil memorização, podem servir para o treino da expressão oral (entonação, dicção), gestualidade e postura corporal, a partir da contação dessas histórias pelos próprios alunos. Para isso, nos baseamos em Dolz e Schneuwly (2004), que defendem a importância da oralidade como objeto de ensino, e em breves técnicas de oratória, sugeridas por Ramos (1971).

Palavras-chave: Mitologia; oratória; oralidade; contação de histórias.

### Introdução:

O provérbio latino *Scripta manent, uerba uolant*<sup>2</sup> serve, neste trabalho, para ilustrarmos a forma dicotômica com que nossa cultura grafocêntrica concebe e hierarquiza essas duas modalidades discursivas da língua.

Nossos olhos modernos tendem a interpretá-lo em sentido literal, elegendo-a como lema da soberania da escrita em detrimento da fala. Parece óbvio: as palavras escritas, enquanto *aide-mémoire*, ficam, permanecem (*manent*), ao passo que as palavras orais voam (*uolant*), em sentido fugidio, escapista, não confiável. Atentamos para o fato de que ler e interpretar é criar sentidos que nem sempre estão “ao pé da letra”. Sendo assim, podemos dizer que certos adágios e chavões do nosso tempo contribuem para a construção do sentido negativo do verbo “voar” no citado provérbio, como: “o tempo voa...”, “mais vale um pássaro na mão do que dois voando” ou pela associação, igualmente negativa, com “vento” em: “dinheiro na mão é vendaval”, “não

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras pela UFJF.

<sup>2</sup> “As coisas escritas ficam, as palavras (orais) voam”.

jogue palavras ao vento” etc. Todas como sinônimo de perda, de algo efêmero, volátil, que não vale tanto quanto o que se pode reter, aprisionar, possuir.

É justamente essa interpretação eivada de juízo de valor – mesmo que inconscientemente, quando se apega à escrita e subjuga a fala, refletindo certo narcisismo das sociedades letradas – que pretendemos suplantarmos, reportando-nos à importância que a palavra oral tinha para os antigos, como nos lembra, a esse respeito, Jorge Luis Borges:

“Aquela frase sempre citada, *scripta manent, verba volant*, não significa que a palavra oral seja efêmera, mas que a palavra escrita é algo duradouro e morto. Em vez disso, a palavra oral tem algo de alado, de inconstante; *alado e sagrado*, como disse Platão”. (BORGES - *El libro*, 1986 *apud* Neto, 1996, p. 22).

João Ângelo de Oliveira Neto endossa o comentário supracitado quando diz que “a escrita, ainda no século V, Época Clássica, sofria restrições de Platão no *Crátilo* e no *Fedro*, por causa do abalo por ela produzido na memória”. (NETO, 1996, p. 22).

Na polarização *uerba/scripta* (fala/escrita), a oralidade, hodiernamente relegada a segundo plano, deixa de ser assunto prioritário nas reflexões teóricas e metodológicas quanto à transposição didática dos gêneros orais, pois tem-se a ideia de que a aprendizagem do oral ocorre de forma espontânea, através de interações na família e entre o círculo social, não havendo, portanto, necessidade de ser trabalhada na escola.

Para tentar reverter essa visão e contribuir para uma prática efetiva da oralidade, seja nas escolas ou nas academias, faremos uma breve introdução à arte de falar em público, sob a perspectiva da oratória, na época clássica, e da oralidade nas escolas, segundo os estudos desenvolvidos nas últimas décadas sobre a relevância de uma didática do oral, abarcado pelo conceito de letramento<sup>3</sup>. Com base em algumas técnicas de oratória e privilegiando o estudo de oito mitos das *Metamorfoses*, de Ovídio, via contação de histórias, elaboramos uma atividade que proporciona, a um só tempo, a fruição dessas narrativas mitológicas clássicas e a oportunidade de treinar o desenvolvimento consciente da fala em público.

---

<sup>3</sup> Letrar, mais que alfabetizar, é ensinar os gêneros de escrita e suas funções na sociedade letrada.

## 1. Oratória: uma breve introdução.

Não seria possível introduzir cientificamente um estudo sobre a arte de falar em público sem se basear nos modos de exposição propostos pelos mestres da retórica e da oratória antigas. Seja pela atemporalidade das técnicas, seja pelo conteúdo estético-literário de seus discursos, vemos na oratória uma ferramenta de alta serventia para a sistematização consciente da fala, perfeitamente aplicável em contexto escolar. (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 225).

No sistema clássico da retórica, todo discurso pertence a um dos três gêneros: político, judiciário ou laudatório (TRINGALI, 1988, p.52). No discurso político o auditório vota a favor ou contra, decidindo sobre um fato futuro. No judiciário (forense) há um julgamento formal em que se condena ou se absolve alguém por um fato ocorrido no passado. Já o discurso laudatório serve para agradar, deleitar o ouvinte – quase um *delectando pariterque monendo*<sup>4</sup> – que, por sua vez, apenas gosta ou não, concorda ou discorda daquilo que ouviu, sem precisar decidir nada *a priori*. Dizemos *a priori* porque, “o discurso laudatório pode exercer profunda influência no ouvinte, pondo em crise seus valores” (ibidem, p. 53). O poder de alteração da realidade desse gênero é subjetivo, exigindo alto grau de estesia em sua composição, chegando a funcionar, nas palavras do referido autor, “como ponte de passagem entre a literatura e a retórica”. Daí estarmos seguros de que a oratória pode contribuir para os estudos da mitologia através da contação de histórias, visto que, assim como no laudatório, a “contação” também envolverá a literatura e a retórica/oratória, como veremos adiante.

### 1.1. A redação oral

Qualquer pessoa que nunca tenha feito um discurso – e não saiba que ele pode ser dividido, para facilitar a execução, nestas cinco partes: “vocativos” (referir-se ao auditório, às autoridades, fazer agradecimentos etc.), “exórdio” (atrair o auditório,

---

<sup>4</sup> *Lectorem delectando pariterque monendo* – deleitando e, ao mesmo tempo, instruindo o leitor. (Arte Poética de Horácio, v. 344).

introduzir o assunto), “exposição” (informar e interessar o auditório), “meta” (convencer o auditório argumentando) e “peroração” (conclamar o auditório, movê-lo), se tivesse de elaborar algum sem qualquer instrução prévia, começaria, provavelmente, escrevendo do começo, como se estivesse compondo um trabalho para ser lido ou decorado. Estaria portanto no campo da “redação escrita”, alheia à oratória, que trabalha, especialmente, com a “redação oral”. (RAMOS, 1971, p. 31).

Para elaborar um discurso e memorizá-lo sem o ler, ordenando as ideias e improvisando as palavras, o professor e escritor de manuais de oratória, Admir Ramos (1971), sugere o seguinte:

1º) Compor a 3ª parte do discurso (exposição), onde exporá a matéria relativa ao assunto que vai discorrer. Depois deve reduzi-la a um “esquema”, colocando as ideias na ordem em que serão ditas, de tal modo que através de pequenas frases, cada uma delas possa ser lembrada. (ibidem, p. 31).

Feito isso, o papel inicial pode ser deixado de lado, pois para começar a fazer o desenvolvimento oral das ideias nele contidas é preciso valer-se somente do “esquema”. Agora o orador está no campo da redação oral, que exige treino e inúmeras tentativas. É natural que durante os ensaios haja alteração das palavras. O importante é mentalizar com vivacidade as ideias para que cheguem com clareza ao auditório. (ibidem, p. 32).

2º) Compor a 2ª parte do discurso (exórdio/início). Sabendo já o que vai dizer na exposição, torna-se mais fácil a composição das frases que serão utilizadas a fim de atrair o auditório para ouvir, com atenção, a peça oratória. (ibidem, p. 32).

3º) Compor, finalmente, o fecho do discurso (conclusão), conclamando o auditório a aderir à tese (no caso do gênero político e judiciário), ou visando comover pondo em crise os valores do ouvinte. A arte pede, em qualquer desses gêneros, que a conclusão seja breve. (ibidem, p. 33).

## 2. Oralidade nas escolas

Desde o final dos anos oitenta, os estudos sobre letramento<sup>5</sup> e oralidade (cultura escrita e cultura oral) promovidos principalmente por Street (1984), Olson (1995), e Marcuschi (2004), têm mostrado que, do ponto de vista pedagógico, a língua oral deve ser trabalhada na escola com o mesmo destaque dado à modalidade escrita, por se tratar de objeto de estudo legítimo, já que envolve a competência e criatividade linguísticas, fundamentais para a formação do indivíduo enquanto usuário da língua.

Nesse diapasão, Dolz e Schneuwly (2004) vão dizer que as atividades de usos da língua oral em sala de aula precisam ir além da mera participação em respostas curtas às perguntas do professor. A escola deve levar os alunos a ultrapassarem as formas de produção oral cotidiana, ou seja, o uso espontâneo e informal da língua oral, para que possam praticar de fato e refletir sobre seus diferentes usos em diferentes situações de produção – e não somente, seminários, debates e defesas de teses. Mas, como esse tema ainda hoje é pouco destacado nos cursos de licenciatura, a maioria dos professores têm uma visão equivocada a respeito do que vem a ser uma didática do oral, pois a simples oralização do texto escrito, embora seja um bom exercício de leitura e dicção, não configura uma prática legítima e cientificamente orientada de oralidade.

O professor deve, segundo os documentos oficiais curriculares, incluir na preparação de suas aulas momentos de incentivo ao desenvolvimento da oralidade e criar situações reais, bem planejadas, de uso consciente da língua oral. (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 12). É justamente nesse ponto que vimos contribuir com a proposta “Mitologia e contação de histórias”, logo a seguir.

## 3. Proposta didática: mitologia e contação de histórias

Para familiarizar os discentes com o universo mitológico, de forma lúdica, os estudos iniciais de literatura clássica – das *Metamorfoses* – poderiam ser organizados com base no pressuposto básico para a realização do gênero oral “contação de histórias”

---

<sup>5</sup> Os estudos do letramento têm como objeto de conhecimento os aspectos e os impactos sociais da língua escrita (KLEIMAN, 1995), assim como os de *oralidade* os têm da língua falada.

que, conforme o renomado contador e formador de grupos de contadores de histórias no Brasil, Celso Sisto (2012), “extrapola as amarras do didático, do exemplar e do mero informativo. Salta da obrigação de ensinamento para a noção de fruição e de prazer estético”.

Não se trata, porém, de algo alheio à prática escolar, já que, conforme o citado autor, não basta boa intenção para fazer arte. A arte de contar histórias exige um fazer anterior, um preparo, um estudo prévio, um ensaio. Temos aí argumentos suficientes que corroboram a pertinência em se fazer da contação de histórias um elo entre a mitologia, a oratória e a oralidade nas escolas.

Para essa rodada de contação de histórias, elencamos oito mitos da obra *Metamorfoses* de Ovídio, que têm em comum o “amor” – ou as complicações deste – como elemento gerador dos enredos. O estudo das versões desses mitos em português (FARMHOUSE, 2003), revelou-nos a presença de personagens e símbolos que foram aludidos, emulados ou parodiados por vários autores da literatura moderna e contemporânea ocidental, com repercussões marcantes na literatura portuguesa e brasileira, de Camões a Fernando Pessoa, e de Júlio Ribeiro a Paulo Leminsky, por exemplo.

Temos abaixo os mitos selecionados:

- *Apolo e Dafne*
- *Eco e Narciso*
- *Píramo e Tisbe*
- *Orfeu e Eurídice*
- *Fílemon e Báucis*
- *Jasão e Medeia*
- *Adônis e Vênus*
- *Atalanta e Hipômenes*

## Metodologia:

Para Celso Sisto (2012), a arte de contar histórias opera com a noção de esboço e nenhum contar é definitivo e acabado. As palavras orais adquirem diversos matizes dependendo da forma como são ditas e, nesta proposta, a contação servirá, a um só tempo, para fruir as narrativas e treinar a fala em público.

Ao apresentar o gênero oral contação de história à classe – em qualquer nível acadêmico – o professor deve discutir as diferenças entre cultura escrita (letramento) e cultura oral (oralidade), assim como os pressupostos para a prática da oralidade letrada, quais sejam: cooperação, polidez e, principalmente, a organização consciente e sistemática da fala (redação oral).

Depois de contar um mito para a turma, o professor distribuirá sete mitos diferentes para os alunos, de forma aleatória (cada aluno terá recebido um único mito). Após a leitura silenciosa, deve-se perguntar se alguém gostaria de falar a respeito ou contar a história que acabara de ler. (Convém observar a habilidade de síntese e de expressão oral dos alunos, para que se possa adequar o método idealizado às necessidades reais da classe).

Em seguida, os alunos deverão formar grupos de acordo com os mitos que leram. (Ex: um grupo terá lido *Píramo e Tisbe*; outro, *Eco e Narciso* etc.).

A primeira atividade consiste em que façam a divisão do texto entre si, de modo que cada um fique responsável por contar a sua parte, do jeito que quiser, desde que não leia nada na hora da apresentação. É nesse ponto que o professor deve ensinar como é que se faz uma “redação oral”, conforme comentado no item 1.1 desse trabalho.

Deverá haver ensaios intercalados com breves introduções teóricas sobre a oratória e a cultura oral. Em um primeiro momento, o aluno contará sua parte da história para o próprio grupo. À medida que a turma for ganhando consciência da ludicidade, mas também, da seriedade que envolve a organização do gênero oral “contação de história”, as atividades práticas poderão ocorrer, preferencialmente, fora de sala, ao ar

livre, *sub tegmine fagi*<sup>6</sup>, para que os alunos possam “soltar a voz” sem atrapalhar os outros grupos e sem estragar a surpresa, já que cada grupo está com um mito diferente.

O número de aulas para que a atividade se conclua vai variar de acordo com o desenvolvimento da turma. Considerando a duração mínima de um curso de contação de histórias, cremos que dez aulas de cinquenta minutos são suficientes para que se tenha uma primeira apresentação dos grupos.

Apresentaremos, logo abaixo, alguns conceitos básicos de técnica oratória que podem contribuir para a performance do aluno no momento da contação.

#### **4. Contribuições práticas da oratória:**

##### **4.1. A postura**

O melhor é deixar o iniciante à vontade, pedindo apenas para que fique de frente para o auditório, pois, geralmente, o aluno está preso a um nervosismo intenso e, se ficar preocupado com a sua atitude, acabará não falando. Entretanto, aos mais desinibidos, pode-se sugerir que se posicionem da seguinte forma: um braço flexionado naturalmente diante do corpo e o outro caído, também com naturalidade. Dessa forma, “com o braço flexionado o orador está próximo do gesto enquanto o braço caído poderá vir, com facilidade, em auxílio do flexionado, completando o gesto”. (RAMOS, 1971, p. 79).

##### **4.2. A expressão oral**

As melhores expressões são as menos procuradas e que parecem simples e naturais, ou seja, deve-se usar uma linguagem simples e ao alcance de todos, pronunciando as palavras de modo regulado, claro, sonoro e cortês. (ORTEGA, 2003, p. 242).

Os manuais de retórica/oratória, por nós consultados, dizem que a pronúncia, para ser nítida, exige que a palavra não seja muito precipitada. Existe, portanto, um

---

<sup>6</sup>“(Descansando) à sombra da árvore” (Bucólicas I de Virgílio – final do primeiro verso).



limite de rapidez que não se deva ultrapassar, pois poderia haver ininteligibilidade, sobretudo a longa distância. (ibidem, p. 243).

Além da pronúncia clara e rítmica, convém pôr no discurso certa carga de sentimento. Isto só é possível depois que o orador – o contador de histórias, no nosso caso – teve o cuidado de ler, pesquisar, comparar e, principalmente, imaginar o assunto de sua peça oratória (RAMOS, 1971, p. 81). Consideramos que “imaginar” é condição *sine qua non* para haver fruição estética, sendo essa a característica que fundamenta e justifica, sob nossa perspectiva, tanto o surgimento quanto a permanência da literatura entre nós: a capacidade de engendrar e vivenciar uma supra realidade por meio do artifício literário, da arte.

### 4.3. O gesto

Além do movimento das mãos, a simples mudança de semblante, o movimento dos olhos, dos ombros, do tronco, da cabeça, ou mesmo um breve silêncio do orador são ações que alteram consideravelmente a performance oral e a recepção dos ouvintes. (ORTEGA, 2003, p. 244).

Os gestos devem ser comedidos e naturais, pois sua função é complementar a palavra e não exagerá-la. “Quando antecede a palavra oral, o gesto a prepara. Se acompanha, reforça-a, mas, se lhe suceder, perde a força”. (RAMOS, 1971, p. 84).

De acordo com o referido autor, mesmo que não fosse uma exigência da arte, os gestos se fazem necessários por questões fisiológicas, pois quando os braços permanecem apoiados sobre as paredes laterais e os antebraços sobre a parte anterior do peito, os movimentos de expansão da caixa torácica ficam bastante limitados e a capacidade pulmonar restrita, fazendo com que o orador não alcance boa entonação e moderação na intensidade da palavra. (ibidem, p. 85).

A partir dessas breves considerações, o professor, mesmo que não seja um estudioso clássico, poderá trabalhar a “oralidade” dos alunos, dentro do gênero “contação” amparado pelos pressupostos básicos da oratória, mostrando que a fala em público envolve um preparo anterior para surtir o efeito almejado, para ser inteligível.

## **Considerações finais:**

Com esse trabalho propusemos uma pequena experiência prática da oratória através do gênero oral “contação de histórias”. Para legitimar a iniciativa de se empreender uma didática do oral nas instituições que formam cultural e intelectualmente os indivíduos para fins emancipatórios, valemo-nos dos conceitos basilares sobre letramento e oralidade, surgidos nos anos oitenta, nos EUA – retomado mais tarde por diversos autores, com grandes repercussões teórico-especulativas no Brasil – e acolhidos com entusiasmo pelos documentos oficiais de orientações curriculares, mas que ainda não se manifestam realmente nas aulas de línguas, seja por lacunas na formação do professor, seja pela ubiquidade da escrita nas sociedades modernas.

Que muita coisa deixou de ser dita, o sabemos. Os aspectos históricos, políticos, antropológicos, psicológicos e, principalmente, práticos da oratória, demandam estudo minucioso e dedicação. Resumi-los em demasia, em vez de elucidar, confundiria. Limitamo-nos aqui a propor uma atividade que, embora tenha por fim um produto essencialmente oral, não prescinde a leitura e requer um preparo de vários esquemas escritos. Acreditamos que a iniciativa de se empreender uma maior atenção à oralidade, em contexto escolar, deve partir do professor, pois, assim como ler e escrever, o uso da língua na modalidade oral também envolve habilidades e conhecimentos específicos que não se aprendem espontaneamente.

**ABSTRACT:** This work defends the relevance of introducing activities about practice and development of public speaking at schools and colleges. For that, eight myths from Ovid’s *Metamorphosis* were selected, considering how short and easily memorizable they are. These myths may be used to practice oral expression (intonation, diction), gesticulation and corporal posture of students through their own story telling, employing oratory techniques.

Keywords: Mythology; oratory; orality; storytelling.

## Referências:

CATULO. *O Livro de Catulo*. Tradução comentada dos poemas de Catulo João Ângelo de Oliva Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

KLEIMAN, Ângela B. (Org). *Os significados do letramento*. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita : atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

OLSON, David R. *Cultura escrita e oralidade*. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

ORTEGA, Carmona Alfonso. *Oratória : a arte de falar em público*. Rio de Janeiro: Calibán, 2003.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Paulo Farmhouse. Lisboa: Cotovia, 2010.

RAMOS, Admir. *Introdução à Oratória*. São Paulo: Editora Radiante S.A, 1971.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

STREET, Brian V. *Literacy in Theory and Practice*. New York: Cambridge University Press, 1984.

TRINGALI, Dante. *Introdução à Retórica : a Retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

Data de envio: 28 de novembro de 2014

Data de aprovação: 20 de janeiro de 2015

Data de publicação: 19 de fevereiro de 2015